

Discurso Bienal 2019

A Universidade Federal de Alagoas vem, ao longo dos seus 58 anos de existência, sendo responsável pela formação de gerações de profissionais liberais, professores, gestores, pesquisadores e artistas. Os que passam pela Ufal levam consigo a gratidão e o respeito por fazerem parte da **maior e mais consolidada instituição de ensino superior do estado de Alagoas**. Instituição que transforma vidas, realidades sociais, econômicas, garantindo a inscrição de seu legado na história de Alagoas e do Brasil, alcançando também reconhecimento internacional.

A Ufal tem ascendido o seu conceito nos processos de avaliação recentes, o que expressa sua **qualidade acadêmica**. Em 2018, esta universidade obteve **conceito “Muito Bom”** do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira do Ministério da Educação (INEP/MEC), por ocasião do primeiro processo de credenciamento institucional, desde a sua criação em 1961. Tal conceito atestou a qualidade do trabalho construído e consolidado ao longo da história em diálogo com a sociedade.

Em 2019, nesta linha de ascensão da qualidade acadêmica, **a Ufal despontou entre as 11 Universidades brasileiras que passaram a integrar um importante ranking britânico, o *Times Higher Education***. Neste mesmo ano, se destaca como a mais bem colocada, entre as Universidades federais, na **redução da evasão estudantil e no aumento do número de estudantes que finalizaram seus cursos**. Resultado da valorização que se imprime ao sujeito discente neste Universidade e ao compromisso político com a Assistência Estudantil.

Seu processo de expansão tem se consolidado, de 2016 até 2019. Com esforço da gestão, **26 obras foram concluídas**, perfazendo um total de 77 mil metros quadrados a mais em área construída disponibilizados para as atividades acadêmicas.

A UFAL está presente na vida do povo alagoano por meio dos seus **100 cursos de Graduação** e **65 Cursos de Pós-Graduação** (42 Mestrados, 17 Doutorados e 6 Especializações), Cursos técnicos da Escola Técnica de Artes, e tecnológicos. Não está circunscrita apenas ao litoral alagoano, mas avança do agreste ao sertão, com sua estrutura de 4 Campi. Atende a mais de **30 mil alunos** de graduação e pós-graduação e conta com **3.406 servidores, gera emprego direto a cerca de 800 terceirizados**.

A aquisição institucional de produtos da **agricultura familiar para os 05 restaurantes universitários fortalece a economia local e a soberania alimentar**.

Tem um Sistema de Bibliotecas composto por 13 bibliotecas, além de uma Biblioteca Virtual Universitária que disponibiliza um acervo de livros digitais composto por milhares de títulos que abordam as diversas áreas do conhecimento.

Produz cultura e arte. Disponibiliza para a sociedade **8 equipamentos culturais**, dentre eles, o Museu Théo Brandão, o Museu de História Natural, e a Usina Ciência que, só em 2018, **beneficiaram cerca de 71.578 pessoas**.

Possui o **maior complexo esportivo da região Nordeste** já construído em universidades, com área de mais de 47.000 m²

Apesar destes avanços e contribuições inestimáveis à sociedade, contudo, a Ufal e as demais Universidades federais têm vivenciado um **quadro de instabilidade financeira** perverso, com bloqueio orçamentário do que estava previsto na LOA 2019, seguido, depois de mobilizações e manifestações por todo país, de desbloqueio parcial.

A esse instável contexto orçamentário, somam-se as tentativas de desqualificação, por parte do Ministério da Educação, de nossas instituições públicas de Ensino Superior. Isso ocorre, por exemplo, quando acusa as universidades de promoção de “balbúrdias” ou “eventos ridículos”, ou quando se anuncia a “caça” aos docentes, sarcasticamente apelidados de “zebras gordas”. Destitui-se a universidade de seu papel singular na história brasileira, quando se afirma que ela “não é lugar para fazer festa onde morre gente, não é lugar para produzir metanfetamina e nem plantar maconha”, ou ainda, quando se fere a autonomia universitária, ao não se nomear o primeiro indicado da lista tríplice como reitor/a, a partir da escolha dos Conselhos Universitários. Neste contexto de ataques, ouvimos até mesmo que as universidades públicas não produzem pesquisa, quando estas são responsáveis por mais de 95% da produção científica do país. Entretanto e lamentavelmente, as agências públicas de fomento à pesquisa estão sofrendo cortes, a Ciência no Brasil deixa de ser prioridade de governo e o aporte financeiro a ela dedicado torna-se escasso.

Nessa conjuntura, afinal, vale perguntar: quem se importa com a Educação e a Ciência? Se os **resultados de pesquisas são questionados**, a exemplo dos dados produzidos pelo Instituto

Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) sobre desmatamento na Amazônia e sobre as queimadas no país.

Educação e Ciência têm potencialmente uma grande capacidade transformadora. A nação que não investe nestas áreas está fadada a uma nova condição colonial, submetida à ciência e à tecnologia produzidas por outras nações, em movimento funcional ao capitalismo dependente, alimentando a riqueza internacional. Florestan Fernandes, em seus estudos sobre a economia capitalista dependente, afirma que esta, por si só, aprofunda a própria dependência, **não conduz à emancipação e a uma efetiva soberania nacional.**

Ancorada na contribuição do italiano Antonio Gramsci, afirmamos a vinculação da ciência às “necessidades, à vida, à atividade do homem” (p.174). E assim, o progresso da ciência está organicamente imbricado à história da humanidade. Neste sentido, para além do aperfeiçoamento de instrumentos e do método, cabe à ciência, incessantemente, percorrer o caminho desconhecimento-conhecimento-desconhecimento. A ciência deve ser concebida como uma “*categoria histórica, um movimento em contínua evolução*” (p.174) pela transformação da realidade de homens e mulheres, em todo tempo e espaço.

Liberdade e autonomia na produção científica são essenciais para a função civilizatória da Ciência e da Universidade.

Nesta direção, segue a brilhante definição de Universidade expressa pelo professor Gilberto de Macedo no livro “Universidade Dialética”, publicado em 1985: “A Universidade autêntica é reflexiva, compreensiva, criadora. Isso mostra logo que ela não é

acomodada, passiva ou omissa. Mas crítica, ao permitir o conhecimento, dos homens [e das mulheres] e das coisas através do pensamento dialético [...]” (MACEDO, 1985).

Entretanto, na direção contrária, observamos uma tendência ao Anti-intelectualismo, ao anticonhecimento, à anticiência, e ao recrudescimento do conservadorismo, com tentativas de imposição de um pensamento único. Movimentos autoritários expressos nas perseguições a pesquisadores, ataques às Universidades, como nas propostas da Escola sem Partido; do fim da Filosofia e da Sociologia nas Universidades e nas Escolas; da militarização das escolas públicas.

É neste palco de acontecimentos que a Ufal realiza a **9ª edição da Bienal Internacional do Livro de Alagoas**, com o tema “**Livro Aberto – Leitura, Liberdade e Autonomia**”, e reafirma a **importância da leitura, da educação, do conhecimento, da ciência, da cultura e da arte**, como fundamentais para uma **sociedade mais humana, mais desenvolvida, menos desigual**.

O tema da Bienal chama a atenção para o **ato de ler que liberta e torna as pessoas autônomas e críticas** – perspectiva de leitura que somente pode prosperar em um **ambiente democrático** e de garantia de **liberdade de expressão e de cátedra nas Universidades**, como propugna a **Constituição Cidadã** de 1988.

A Bienal do Internacional do Livro de Alagoas é a única bienal promovida por uma Universidade federal, totalmente gratuita, que se consagra ao longo dos anos como o maior evento literário do Estado, e, nesta 9ª edição, nos chama a mergulhar na história de

Alagoas, nos prédios históricos de Maceió, unindo história, cultura e arte no belo e tradicional bairro de Jaraguá.

História apresentada nas obras de Dirceu Lindoso, que partiu este ano, tão recentemente, e foi homenageado na edição passada da Bienal, junto com os professores Élcio Verçosa e Sávio de Almeida, por suas relevantes contribuições à história e à educação de Alagoas. **Dirceu Lindoso, Doutor Honoris Causa da UFAL, deixa seu legado nos livros que fazem crítica contundente sobre nossa tradição cultural, dando luz à história dos negros, indígenas e operários.**

Nesta nona edição, a Bienal faz três blocos de **homenagens: a Moçambique**, país africano; **às vítimas da ditadura militar; e às mulheres que fazem a história deste estado a partir de suas lutas por melhores condições de vida e de trabalho, no campo e na cidade.** Estas homenagens imprimem sentidos especiais à nona edição da Bienal Internacional do Livro de Alagoas.

Homenagear **Moçambique** é também “uma homenagem a toda a África, por tudo o que o continente representa no processo de **construção histórica e identitária do nosso país.** Será ressaltada a riqueza literária, artística e acadêmica moçambicana.” É fazer um reparo histórico ao período em que negras e negros foram arrancados da África e escravizados no Brasil. É trazer à tona o tema da violência contra negras e negros que ainda persiste, clamando urgente reversão histórica. O Atlas da Violência, estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, mostra, em sua mais nova edição, que 75,5% das vítimas **de homicídio no País são negras**, maior

proporção da última década. À propósito: **quem mandou matar Marielle Franco?**

A **homenagem às vítimas da ditadura** em Alagoas quer lembrar, nesta Bienal, a necessidade de **reafirmar o Estado democrático de direito, a liberdade de expressão**, para que não esqueçamos, por um momento sequer, os tempos sombrios de censura, tortura, morte e violação aos direitos humanos. **Significa dizer ditadura nunca mais!** Principalmente, quando se tem feito apologia ao crime de tortura e quando existem tentativas de ressignificar este fato histórico brutal, como forma de manipulação da realidade. Em 29 de março de 2019, a justiça proibiu as comemorações alusivas aos 55 anos da instituição do regime militar. O Ministério Público Federal, em Nota, considerou festejar esta data como crime de responsabilidade, incompatível com o Estado Democrático de Direito, afirmando que o regime militar “adotou políticas de violações sistemáticas aos direitos humanos e cometeu crimes internacionais [...]” (Nota MPF, de 26/03/19). A apologia à ditadura também se deu no comentário recente do presidente sobre a morte do pai da alta Comissária da ONU, Michelle Bachelet, durante a ditadura de Pinochet no Chile. Ainda nas suas lastimáveis palavras comentando a morte do pai do atual presidente da OAB, Filipe Santa Cruz. Vamos reafirmar com toda nossa força: Ditadura nunca mais! Censura nunca mais!

O terceiro bloco de homenagens é às **mulheres lutadoras**, que muitas vezes são invisibilizadas pela sociedade, mas – sabemos e queremos destacar – que contribuem definitivamente com a história de Alagoas a partir dos interesses das mulheres oprimidas. Esta homenagem põe em evidência e valoriza as

mulheres marisqueiras, trabalhadoras rurais sem terra, indígenas, quilombolas, sem teto, e de religião de matriz africana. Especialmente, no contexto da cultura ao estupro e à misoginia, nutrida pelos que vêm de cima.

Ao final, vale lembrar que esta casa, a Associação Comercial, nunca se apartou dos ideais do seu primeiro presidente, José Joaquim de Oliveira, um abolicionista e propagador do pensamento libertário, concorrendo para que, à época, nenhum dirigente publicamente escravista tivesse assento na presidência. De acordo com o historiador Benedito Ramos, esta associação é uma “instituição política, no entanto apartidária, democrática e livre para permitir que seus dirigentes escolham o seu próprio caminho”.

Sim: os Livros seguirão abertos e acessíveis, a Leitura alimentará nosso pensamento sobre o mundo, a Liberdade e a Autonomia prevalecerão para a vida humanamente plena, e Alagoas, a “estrela radiosa”, da bienal se irradiará para iluminar o Brasil e o mundo!

Enfim, esta Bienal nos convoca à defesa da educação, da Universidade, da ciência, da cultura, da arte e da liberdade! Pois somos da terra de Dandara e Zumbi dos Palmares, Artur Ramos, Aurélio Buarque de Holanda, Élcio Verçosa, Gilberto de Macedo, Graciliano Ramos, Jorge de Lima, Nise da Silveira, Octávio Brandão, Théo Brandão, Newton Sucupira, e de tantos outros homens e mulheres que orgulham o nosso povo! Viva a Leitura! Viva a Liberdade e a Autonomia! Viva Alagoas! Viva a soberania da nossa gente e do nosso País!